Artigo Original

Experiência pedagógica em aulas de educação física a partir dos jogos esportivos coletivos no ensino médio

Pedagogical experience in physical education classes from the collective sports games in middle school

TENÓRIO JG, DA SILVA CL. Experiencia pedagógica em aulas de educação física a partir dos jogos esportivos coletivos no ensino médio. **R. bras. Ci. e Mov** 2020;28(1):1-23.

Jederson G. Tenório [1]

Cínthia L. da Silva[1]

[1]Universidade Metodista de Piracicaba

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo descrever e analisar uma experiência pedagógica no Ensino Médio em aulas de Educação Física a partir dos Jogos Esportivos Coletivos (JEC). As aulas de Educação Física no Ensino Médio, geralmente apresentam alguns problemas pertinentes, tais como: privilégios aos alunos mais habilidosos em detrimento dos demais; conteúdos repetitivos; predomínio de competição exacerbada e, em alguns casos, mínima intervenção pedagógica. Como procedimento metodológico, realizamos pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, de caráter participante, sendo este um estudo qualitativo, que teve como técnica a utilização de questionários e diário de campo. A experiência foi realizada ao longo de 8 (oito) aulas, em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, composta por 7 (sete) meninos e 11 (onze) meninas. Como resultado, consideramos que a abordagem sistêmica dos JEC possui uma interface com a educação para o lazer e o referencial cultural, podendo auxiliar na minimização de problemas existentes nas aulas como exclusão, desânimo, individualismo e mínima aprendizagem. Pudemos observar no início da experiência pedagógica uma estrutura social que era movida em torno dos mais habilidosos, que aos poucos foi se modificando com a intervenção pedagógica que utilizou o ensino sistêmico dos JEC. Ao oportunizar esse modelo de ensino, as aulas se tornaram diferentes, divertidas e menos excludentes, demonstrando a relevância de uma mediação pedagógica no Ensino Médio que: a) considere o contexto cultural dos educandos; b) valorize atividades que exploram o componente lúdico; c) oportunize diferentes experiências na esfera da cultura corporal de movimento; d) utilize o ensino sistêmico dos JEC na aprendizagem de uma modalidade esportiva e; e) contribua na formação de praticantes e espectadores críticos.

Palavras chave: Educação Física escolar; Atividades de lazer; Cultura; Esportes.

ABSTRACT: The present study aimed to describe and analyze a pedagogical experience in High School in Physical Education classes from the Collective Sports Games (JEC). Physical Education classes in High School generally present some pertinent problems, such as privileges to the most skilled students to the detriment of others, repetitive content, predominance of exacerbated competition and, in some cases, minimal pedagogical intervention. As a methodological procedure, we carried out bibliographic research and field research, of the participant character, being a qualitative study, which had as technique the use of questionnaires and field diary. The experiment was carried out during 8 (eight) classes, in a class of 2nd year of High School, composed of 7 (seven) boys and 11 (eleven) girls. As a result, we consider that the systemic approach of JEC has an interface with leisure education and cultural reference, and can help to minimize problems in class such as exclusion, discouragement, individualism and minimal learning. We could observe at the beginning of the pedagogical experience, a social structure that was moved around the most skilled, that gradually was changing with the pedagogical intervention that used the systemic teaching of the JEC. When we worked this teaching model, the classes became different, fun and less exclusionary, demonstrating the relevance of a pedagogical mediation in High School that: a) considers the cultural context of the students; b) value activities that explore the recreational component; c) give different experiences in the sphere of body culture of movement; d) use the JEC systemic teaching in the learning of a sports modality and e) contribute in the formation of critical practitioners and spectators.

Keywords: Physical school education; Leisure activities; Culture; Sports.

Recebido: 31/01/2018
Aceito: 28/04/2019

Contato: Jederson Garbin Tenório – jederson.21@hotmail.com

Introdução

Uma das primeiras situações observadas no exercício do magistério, há quase duas décadas, foi constatar a forte influência do futebol como conteúdo predominante das aulas de Educação Física. A pergunta principal de alguns alunos (meninos) era a seguinte: *"Professor! Quem joga primeiro hoje? Os meninos ou as meninas?"*. Tal situação não foi bem aceita por um recém-chegado professor de Educação Física, que pretendia fazer das aulas um momento de aprendizagem, tendo como intenção explorar a diversidade de conteúdos da cultura corporal de movimento, ou seja, os conteúdos culturais tratados pela Educação Física, como os jogos, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas. Para Bracht a Educação Física é a: "[...] prática pedagógica que tematiza com a intenção pedagógica as manifestações da cultura corporal de movimento" (p.15). Essa situação causada pela vontade dos alunos, que queriam que o conteúdo desenvolvido fosse o preferido deles, logo nos apresentavam como um incômodo. Segundo Ilha e Hypolito, os alunos limitam-se a querer jogar, muitas vezes desconsiderando outros conteúdos, inclusive querendo influenciar o conteúdo a ser adotado nas aulas. Na verdade, esse desejo dos alunos por jogar futebol, não deveria ser encarado como algo negativo na disciplina, mas é preciso que o educador utilize isso em favor da ampliação das experiências corporais ao longo dos anos.

A disciplina também era vista, por alguns professores, como um momento onde os alunos podiam se divertir "jogando bola", considerando a Educação Física uma disciplina com pouca relevância. Essa compreensão era percebida nos conselhos de classe e reuniões pedagógicas quando opinávamos em relação a aprendizagem dos alunos e ouvíamos expressões do tipo: "O aluno não vai passar de ano em Educação Física? Justo a mais fácil!".

Ao propor uma mudança de paradigma nas aulas, era comum nos depararmos com certas resistências em função das tradições que a disciplina construiu historicamente. Mesmo assim, consideramos o processo de ensino-aprendizagem uma oportunidade para os alunos adquirirem novas experiências e conhecimentos, para além da referência do modelo esportivo hegemônico ou de uma prática pedagógica não diretiva, dando oportunidade para que todos os alunos participassem das atividades vivenciadas, independente de suas habilidades motoras e o processo pedagógico não se limitaria a reproduzir simplesmente a prática de algumas poucas modalidades esportivas. Nesse sentido, essas inquietações nos moveram a desenvolver uma prática pedagógica que pudesse contrapor um modelo didático esportivista e excludente. Propusemos aos alunos uma experiência pedagógica que possibilitasse aos mesmos, situações diversificadas e variadas, baseadas em uma perspectiva cultural e de educação para o lazer.

A ideia era não somente aprofundar a investigação sobre práticas pedagógicas, mas desenvolver uma 'práxis' comprometida com a superação de problemas existentes nas aulas de Educação Física.

Dessa maneira, construímos uma proposta de ensino dos jogos esportivos coletivos (JEC) a partir de um referencial cultural e da educação para o lazer.

Buscamos respostas para a seguinte pergunta: Como os JEC podem ser tratados em aulas de Educação Física a partir de uma experiência pedagógica tendo como finalidade a educação para o lazer?

Embora esse estudo tenha como referência o autor Garganta[i] que opera com o termo JDC "Jogos Desportivos Coletivos", autores brasileiros fazem referência ao tema com algumas diferenças, os termos usados são: Jogos Coletivos de Invasão (Reverdito e Scaglia), Jogos Esportivos (Bracht) e Jogos Esportivos Coletivos (Daolio). O termo desporto/desportivo é de origem Portuguesa, sendo corresponde a palavra esporte como é frequentemente denominada no Brasil. Ao longo do texto, como forma de padronização da escrita e de compreendermos que a palavra "esportivo" é mais difundida em nosso contexto, manteremos a denominação "Jogos Esportivos Coletivos".

Considerando a especificidade das aulas de Educação Física, compreendemos que os JEC dialogam com uma educação para o lazer, por meio da abordagem sistêmica, ao privilegiar o jogo no ensino de modalidades esportivas e propiciar um ambiente lúdico aos educandos, valorizando a participação, o diálogo, o companheirismo, o respeito às diferenças e ao contexto dos alunos, além de ampliar as experiências corporais. O ensino dos jogos esportivos coletivos pautado sobre os pressupostos sistêmicos busca desenvolver as habilidades do aluno por meio do jogo, se opondo ao ensino analítico, que visa aprimorar as habilidades técnicas com a execução de movimentos repetitivos isolados de situações complexas presentes no jogo. O ensino sistêmico possui como aspectos fundamentais: "[...] a oposição, a finalização, a atividade lúdica e os saberes sobre o jogo" (p.26). Assumindo tais características, o ensino sistêmico dos JEC pode minimizar os problemas como desânimo dos alunos nas aulas, exclusão, exacerbada competição e restrição da aula aos alunos mais habilidosos tecnicamente.

Percurso metodológico

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter participante, que objetivou descrever e analisar uma experiência pedagógica em uma turma de Ensino Médio de uma escola pública do interior de Mato Grosso, a partir dos JEC.

Segundo Demo: "A pesquisa participante exige na mesma pessoa o pesquisador formalmente competente e o cidadão politicamente qualitativo. Esta é a garantia mais efetiva da união entre teoria e prática" (p.239). Ao considerar o investigador atuando diretamente no ambiente pesquisado, (no caso a escola e atuando também como professor) dirigindo as ações da pesquisa, temos como exemplo as publicações de Galindo, Silva e Lima.

As ações pedagógicas e algumas informações relatadas durante a pesquisa de campo não se limitavam apenas às aulas, mas também aos espaços e momentos em que era possível um contato do professor-pesquisador com o(s) participante(s) no espaço escolar, como nos momentos de hora-atividade, no percurso da sala à quadra, no recreio etc. Tais estratégias se configuravam em uma tentativa de, conforme Geertz[ii]: "[...] tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados, apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas" (p. 19-20).

Para Geertz[12], durante a atividade de campo é preciso se esforçar para conviver com as pessoas em suas rotinas, pertencer ao grupo, observar rituais, escrever seu diário etc. O professor utilizou o recurso do caderno de campo, além de fotografias, para registrar as observações das ações e os significados para os

alunos envolvidos. Uma turma do Ensino Médio composta por 18 (dezoito) participantes fez parte da pesquisa, sendo (7) sete meninos e 11 (onze) meninas, conforme o quadro abaixo.

Quadro 1 - Correspondente aos participantes da pesquisa

Aluno(a)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
Gênero	M	F	F	F	M	F	M	F	F	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Idade	16	16	17	16	16	18	15	16	16	16	18	16	15	15	15	16	15	15

A experiência consistiu no desenvolvimento da pesquisa de campo, sendo programadas 8 (oito) aulas que tiveram duração de aproximadamente 55 (cinquenta e cinco) minutos e aconteceram entre os dias 20 de março e 15 de maio de 2017. Foram feitos registros com fotografias, bem como as ações e as narrativas dos alunos (as) participantes e as impressões do pesquisador utilizando como técnica, o caderno de campo. Outra técnica utilizada foi a aplicação de questionários, sendo entregue um questionário (A), ao iniciarem as ações pedagógicas (aula 1) e, ao final (aula 8) das ações pedagógicas foi entregue um novo questionário (B), para que os alunos pudessem responder questões pertinentes às aulas de Educação Física e de suas experiências de lazer fora da escola. Esses questionários não serão discutidos neste trabalho, já que a descrição e análise das aulas se deu com base nas anotações do diário de campo.

A análise da experiência pedagógica foi feita na última fase da pesquisa, tendo como base a pesquisa bibliográfica realizada na primeira fase da investigação, além das anotações do pesquisador registradas no diário de campo. Ao analisar e interpretar o caderno de campo, buscamos traduzir a visão dos participantes da pesquisa, preocupando-se com os significados atribuídos às aulas, como pré-requisito para avançar na compreensão dos problemas no contexto apresentado, além de descrever como ocorreram as atividades desenvolvidas nas ações pedagógicas.

As observações da experiência nos possibilitaram apontar algumas diferenças entre os alunos e classificá-los conforme os mesmos acessavam os conteúdos propostos, tendo implicações nos modos de ser e estar nas aulas. Dessa forma, baseados em Geertz[12], compartilhamos da ideia de que estudar a cultura é uma busca por estruturas de significação, definindo, ao mesmo tempo, sua relevância e sua base social. O referencial teórico cultural e da educação para o lazer serviram de base para o desenvolvimento da pesquisa de campo, sendo levados em consideração alguns princípios importantes: a) considerar o contexto cultural dos educandos, buscando ressignificar seus conhecimentos prévios; b) valorizar atividades que exploram o componente lúdico; c) oportunizar diferentes experiências na esfera da cultura corporal de movimento; d) contribuir na formação de praticantes e espectadores que podem utilizar conhecimentos abordados em aula em seu tempo disponível e e) contemplar a diversidade de sujeitos presentes na aula.

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa (CEP), da UNIMEP-Piracicaba, sob parecer nº 1.749.099 em 27 de setembro de 2016.

A experiência pedagógica

As aulas foram relatadas de acordo com o número de alunos, os objetivos e a descrição da ação pedagógica sem estabelecer uma fronteira rígida entre: parte inicial, desenvolvimento da aula e parte final. Procuramos narrar algumas falas, gestos e comportamentos dos participantes diante das atividades realizadas, bem como, construir um diálogo com os autores que foram base para essa pesquisa.

Ação pedagógica 1: "Apresentação das aulas da experiência pedagógica"

Número de alunos: 18 alunos
Objetivos**:**
a) apresentar as ações que serão vivenciadas durante as aulas;
b) tratar de conhecimentos sobre o lazer e seus conteúdos;
c) propor aos alunos a escolha de uma modalidade esportiva coletiva (JEC) para o desenvolvimento das aulas.

A aula

A aula foi iniciada com a entrega do questionário A, para que os alunos pudessem responder perguntas abertas, para verificar os conhecimentos prévios acerca dos temas: aulas de Educação Física e lazer. Na sequência, foram apresentadas aos discentes as 8 (oito) ações a serem desenvolvidas, destacando que a proposta da experiência pedagógica visava a construção de novos conhecimentos nas aulas de Educação Física. Ao perguntar aos alunos qual o conceito a respeito do lazer, foi possível compreender os entendimentos prévios que os mesmos possuíam, associando basicamente o lazer a divertimento e tempo para descansar, como algo distinto das obrigações cotidianas. "Algo prazeroso" destacou a aluna 12. A aluna 2 considerou que o lazer é: "Fazer as coisas que te diverte".

Os demais alunos disseram que compreendem o lazer como um momento de satisfação pessoal, divertimento e tempo para descansar, sem um caráter de obrigatoriedade. Esses conceitos dos alunos, tiveram significados parecidos aos de Santos [iii], em que os entrevistados relacionaram o lazer à diversão, à distração, ao prazer de fazer algo que se gosta.

Como se tratava de tensionar a visão de senso comum dos estudantes com o conhecimento sistematizado, foi apresentada a definição de lazer, baseada em Marcellino: "[...] como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no 'tempo disponível'. O importante, como traço definidor, é o caráter 'desinteressado' dessa vivência" (p.29). Posteriormente, foi feita uma apresentação dos conteúdos culturais do lazer, utilizando *data show* para melhor entendimento dos alunos. Os conteúdos culturais do lazer foram apresentados aos alunos baseados em Dumazedier: físicoesportivos (práticas esportivas, pesca, jogos etc.), artísticos (pintura, música, teatro etc.), intelectuais (leitura, palestras, pesquisa etc.), manuais (artesanato, jardinagem, bordados etc.), sociais (festas, bailes, encontros etc.), e também o turístico (passeios, viagens etc.). Este último, fundamentado em Camargo.

Posteriormente, um cartaz foi utilizado para ilustrar a relação do lazer com a escola e com a Educação Física escolar, tendo como base Marcellino. O professor-pesquisador destacou que o conteúdo do lazer físicoesportivo é especificidade das aulas de Educação Física e, como exemplo, citou outra disciplina que tem como especificidade um dos conteúdos do lazer como a artes (conteúdo artístico).

Como última parte da aula, o professor propôs aos alunos a escolha de uma modalidade esportiva coletiva para o desenvolvimento das aulas. A tensão criada na escolha da modalidade esportiva coletiva (com 9 votos-futsal, contra 8 votos-voleibol) sinalizava algumas características da turma. Observamos uma aluna sozinha, disposta no centro da sala, entre dois grupos que rivalizavam em vários momentos dentro do ambiente escolar, um querendo o futebol o outro o voleibol como tema das aulas. Embora houvesse essa tensão, a proposta de considerar a opinião da maioria dos educandos valoriza os saberes possíveis de serem tratados pedagogicamente e uma estratégia de envolvê-los na escolha de conteúdos pedagógicos. O futsal foi o jogo esportivo coletivo escolhido pela maioria dos alunos, isso se deve em parte pela tradição das aulas e também pela experiência dos mesmos.

De acordo com os princípios adotados para as aulas, consideramos que seria importante os alunos participarem da seleção da modalidade de JEC a ser tratada. Assim, poderiam se sentir valorizados, assim como suas experiências prévias. Nesse caso, embora o futsal seja o conteúdo conhecido dos alunos, o propósito da experiência pedagógica foi tratar este conteúdo a partir da base teórica dos JEC e de acordo com os pressupostos do referencial cultural e da educação para o lazer.

Ação Pedagógica 2: "Vivência do futsal"

Número de alunos**:** 16 alunos
Objetivo: propor aos alunos a vivência do futsal
A aula

Esta aula teve como finalidade a vivência de uma modalidade esportiva coletiva, escolhida pelos alunos na aula 1, ou seja, o futsal, sendo iniciada a aula com a chamada e os alunos foram conduzidos até a quadra. Todos foram reunidos no círculo central e foi explicado o que seria realizado na ação pedagógica, ou seja, jogariam o futsal, modalidade escolhida por eles na aula anterior.

Como proposta inicial, não foram feitas intervenções pedagógicas durante o jogo, para que fosse visualizada a maneira como os alunos jogavam e se organizavam na modalidade, sendo possível perceber que a iniciativa na formação e na escolha das equipes foi dos alunos que tinham maior "*status"* dentro do grupo em função de possuírem maior habilidade técnica (Aluno 1, 5 e 13). Quando iniciou o jogo, embora se tratasse de alunos do Ensino Médio, verificou-se em algumas oportunidades uma aglomeração dos participantes próxima da bola ao longo da partida. Após alguns minutos, quando uma das equipes ganhava a partida por 2 (dois) gols de diferença e se aproximando do término do tempo estipulado, notou-se um desânimo pelos participantes que estavam sendo derrotados. Como a turma era composta por um número menor de meninos, as equipes foram formadas com dois meninos e três meninas em cada equipe. Terminado o tempo previsto, o professor-pesquisador interrompeu a partida e conduziu os outros alunos que ainda não haviam jogado, para que todos fossem observados. Para Carlan, Kunz e Fensterseifer: "O objetivo principal do diagnóstico a partir do jogo foi observar os comportamentos de jogo, com o propósito de identificar os principais problemas que comprometiam o desempenho do jogo e dos alunos..." (p.65).

Como parte final, foi perguntado aos alunos: "Quais estratégias utilizaram para atingir o objetivo do jogo?. "Tocava a bola para quem estava mais livre, mais perto", considerou o aluno 7. A outra pergunta foi: "Houve diálogo entre os companheiros para se organizarem taticamente?". A aluna 2 destacou: "Não houve diálogo. Só entrou e jogou". "Nós não pensamos em estratégia, simplesmente a gente montou o time e jogou", comentou a aluna 18.

Essas perguntas pretenderam chamar a atenção para a necessidade de dialogar com os companheiros e pensar estratégias para alcançar os objetivos da equipe. As opiniões dadas por outros alunos diante das perguntas, demonstrou que o diálogo entre os companheiros antes do início do jogo não foi realizado, fato que impedia também pensar as estratégias para a disputa. Para Lopes da Silva o individualismo e a exclusão são valores que geram frustração no ambiente escolar. A ausência do diálogo era um problema a ser superado pela turma participante da pesquisa. A proposta de ensino para as demais aulas visava maior integração, com o intuito de que todos aprendessem a modalidade esportiva coletiva, participando de maneira mais equânime.

Ação pedagógica 3: "Conhecer o futsal".

Número de alunos**:** 18 alunos
Objetivo**:** viabilizar aos alunos o acesso ao conhecimento do futsal.
A aula

A aula foi iniciada com a explicação do objetivo proposto para a aula que seria primeiramente na sala, com a introdução dos conhecimentos[iv,v] relacionados a modalidade de futsal, sendo abordados os seguintes temas: ano de criação, país de origem do futsal; finalidade do jogo; principais mudanças de regras; semelhanças com outras modalidades esportivas coletivas. Após essa introdução, os alunos foram conduzidos a quadra e incentivados a vivenciarem os jogos que seriam explorados na aula.

O primeiro jogo realizado foi o "mãe da rua", sendo propício para o entendimento de princípios relacionados ao ataque e a defesa. Neste jogo uma pessoa é escolhida para ser o pegador, denominando-o de "mãe da rua". O jogo representa uma rua, onde os participantes deveriam atravessar para o outro lado sem serem pegos pela "mãe da rua". As linhas laterais da quadra (lado de fora) são as calçadas e o lado de dentro das linhas a rua. O jogador que fosse tocado pela "mãe da rua", no momento que estivesse invadindo a rua, tornava-se pegador. "O jogo/brincadeira mãe-da-rua é de conhecimento da maioria das crianças que um dia brincaram nas ruas"[4] (p. 214). O futsal foi vivenciado na quadra de vôlei, com as seguintes variações: a) Com Bola; b) Sem bola; c) Com dois pegadores.

No jogo "mãe da rua", o educador notou que os alunos participaram com entusiasmo e satisfação, pois alguns já tinham vivenciado essa brincadeira na época de criança. No decorrer da dinâmica, os alunos que tinham maior agilidade, atravessavam a rua com mais frequência, mas foi possível todos tentarem superar o desafio de "atravessar a rua", além de terem que prestar atenção na ação daquele (a) que se encontrava na função de "mãe da rua". Ao iniciar a ação e propor a brincadeira "mãe da rua", foi privilegiada a experiência prévia dos educandos. Para Daolio[13], os professores devem valorizar essas experiências corporais dos alunos que extrapolam os muros da escola.

Na sequência foi proposto o jogo de dez passes, por caracterizar uma situação de disputa de bola entre duas equipes em um espaço pré-determinado em que se exige o empenho dos participantes e a necessidade de marcação dos adversários sem a posse de bola e de ocupação dos espaços vazios com posse de bola. Foram formadas equipes com 6 (seis) jogadores com a disputa na quadra de basquete, sendo o espaço definido em virtude dos alunos e do próprio desenvolvimento do jogo, ampliado posteriormente para a quadra toda. Algumas regras foram adotadas: a) dar no mínimo dez passes de posse de bola; e b) ao se atingir o objetivo do número de passes o jogo se reiniciaria com a posse de bola para a outra equipe. Foi salientado no decorrer do jogo que era importante os alunos dialogarem e pensarem estratégias para atingir o objetivo de dar dez passes entre os companheiros.

A última atividade foi o jogo formal de futsal, escolhida pela maioria dos alunos na aula 1. Com aplicação de regras básicas. Variações: a) com relação ao número de passes antes de se fazer a finalização; b) a bola teria que ser tocada por todos os companheiros antes de chutar ao gol. Nesse jogo, foi observado se os alunos agiriam corrigindo alguns erros considerados na aula 2, de modo a pensar estratégias para a equipe atingir os objetivos, antes de iniciar a disputa, sem que os alunos ficassem sem noção prévia de posicionamento e deslocamento durante a disputa.

Após alguns minutos do jogo ter reiniciado o mesmo foi interrompido pelo professor-pesquisador no primeiro sinal de aglomeração (*instant replay*). Baseado em Graça e Oliveira[vi], o *"instant replay"* é uma estratégica que consiste em parar o jogo e os praticantes ficarem parados para que o professor explique os possíveis erros de posicionamento e outras opções de jogada que poderiam ser feitas pela equipe.

A opção em parar a partida visava a superação de um jogo de nível fraco para desenvolverem um jogo de nível bom. Segundo Garganta[3] aglomeração, excesso de individualismo, ausência de deslocamento em espaços que favoreçam o passe do colega e falta de atenção ao defender, constituem características de um jogo de "baixo nível". Essa estratégia do *"instant replay"* contribui tanto para a formação de praticantes como de espectadores (assistência) de esportes. Segundo Marcellino, as escolas geralmente enfatizam a prática do esporte, desconsiderando a formação do espectador que poderá analisar criticamente os espetáculos esportivos.

No momento final da aula, após interromper o jogo e reunir os alunos para compreender o que haviam notado de diferente em relação à aula passada (aula 2), as menções acerca dos jogos utilizados inicialmente remetia às atividades que auxiliaram na aprendizagem da modalidade de futsal. "Nossa! Mudou muito. As meninas estão mais organizadas. Aquele jogo (dez passes) que fizemos primeiro ajudou muito na movimentação e posicionamento", comentou o Aluno 5.

A partir dos jogos "mãe da rua" e "dez passes" foi possível os alunos visualizarem as relações que se estabeleceram entre esses jogos e o futsal. Conforme Garganta[3]: "A aprendizagem encontra-se assim facilitada, logo que o jogador perceba, numa estrutura do jogo, uma identidade com uma estrutura já encontrada e que ele reconhece no mesmo ou noutro JDC" (p.16).

Como o tempo da aula estava se esgotando, o professor agradeceu a presença de todos e comunicou a data da próxima aula, destacando que os jogos propostos para aquela aula buscaram trabalhar algumas ações necessárias para a modalidade de futsal, bem como a necessidade de evitar a progressão do adversário e se desmarcar nos espaços vazios.

Ação Pedagógica 4: "Espaços públicos de lazer"

Número de alunos: 17 alunos
Objetivos: a) conscientizar os alunos a respeito da importância dos equipamentos públicos de lazer para o usufruto do tempo disponível;
b) incentivar a reivindicação de condições adequadas para a promoção de práticas de lazer como direito do cidadão.

A aula

Essa aula foi planejada como uma oportunidade de que os alunos compreendessem algumas informações importantes para o exercício de reflexão do papel de cidadão na cobrança de direitos sociais, no caso do lazer, sendo os "Espaços públicos de lazer" um tema propício para a disciplina de Educação Física. Embora tivéssemos que optar em inserir essa ação pedagógica durante as aulas vivenciais do futsal, foi importante nesse momento, considerando que, ao final da pesquisa, a ocorrência de 3 (três) aulas teóricas sequenciais, possivelmente geraria um "desânimo" aos alunos.

No início da aula foi utilizado um cartaz que trazia a seguinte pergunta em destaque: "Quais são os direitos sociais garantidos ao cidadão previstos na constituição?", para iniciar a abordagem do tema, nos baseando em Libâneo[vii], que destaca a aula como espaço privilegiado para ensinar o aluno por meio da

dúvida. Despertar o interesse dos alunos pelo tema da aula inclui levar os mesmos a fazer relações com sua realidade vivida. Além disso, o cartaz foi importante para ilustrar o tema e atrair a atenção dos alunos.

Foi explicado que o lazer constitui um direito do cidadão, assim como os demais direitos garantidos na constituição, tais como: saúde, educação, segurança pública, saneamento etc. Na sequência, os alunos assistiram dois filmes: a) O que são políticas públicas?, e b)Hábitos culturais dependem da oferta de espaços de lazer.

O vídeo A abordava o conceito de políticas públicas, como: "[...] conjunto de programas, ações e decisões tomadas pelos governos (federal, estadual e municipal) com a participação direta ou indireta dos entes públicos ou privados", apresentado por Gustavo Bonafé[viii]. Trata-se de uma produção do portal pocostransparente.com.br, *site* criado com a finalidade de promover ações de cobranças aos gestores públicos da cidade de Poços de Caldas-MG. Além disso, a produção destacou que, as políticas públicas se originam da necessidade e cobrança dos cidadãos e das ações políticas.

O vídeo B, trazia exemplos de oferta de programação cultural para a população, no município de Osasco-SP, veiculado no Jornal Futura[ix]. Foi destacada a importância de existir espaços públicos de lazer que ofereçam conteúdos culturais para que a população possa se beneficiar depende do poder público, levando-se em conta que a classe social é um dos fatores determinantes no acesso a determinados espaços de lazer, como museus, teatro etc.

Os vídeos foram utilizados como recurso didático, que provocaram os comentários dos alunos em relação a conteúdos que poderiam ser oferecidos pelo poder público local, em uma política de lazer que atendesse aos interesses desses jovens. A aula de Educação Física, por ter no corpo e no movimento sua especificidade, se diferencia das demais disciplinas. Portanto, para pensar aulas em sala é preciso envolver os alunos a partir de meios para além do "quadro" e "giz".

Dando continuidade, foi perguntado aos alunos o que sabiam sobre os espaços públicos de lazer e das práticas corporais que são vivenciadas na comunidade de acordo com os equipamentos públicos existentes. De acordo com Tenório e Lopes da Silva: "Os espaços públicos de lazer constituem locais da comunidade urbana, onde os indivíduos transitam no espaço em seu tempo disponível" (p. 119). Era pretexto que os discentes avaliassem como são os espaços públicos de lazer da comunidade para que pudessem ter consciência de seus direitos e em relação aos interesses culturais para usufruto no tempo disponível. Nesse sentido, alguns alunos levantaram a mão querendo se manifestar: "Tem a praça, a academia pública. Tem a calçada lá na BR pra gente caminhar", disse a Aluna 12. Já a aluna 4 mencionou: "A Reserva Florestal". Outras respostas, se referiam aos ginásios, a quadra de areia, os campos de futebol e a lagoa pública. Essas perguntas geradoras, em relação a aula 4: "Espaços públicos de lazer", foram baseadas em Gonzáles e Fraga[x], em que os autores propõem a utilização de uma ficha avaliativa das praças do bairro, que consiste em perguntas sobre as condições do espaço, os jogos que são disputados, o que se faz ou gostaria de se fazer em termos de atividades no espaço público, dentre outras.

Como os educandos citaram espaços que contemplavam a grande maioria dos locais públicos existentes na cidade, foi solicitado que eles mencionassem quais práticas corporais são vivenciadas na comunidade de acordo com os equipamentos existentes. Como respostas, os alunos disseram um número restrito de práticas corporais, dentre elas, o futebol, voleibol e a caminhada. "Praticamente futebol, voleibol e caminhada. Porque tinha basquete na praça e a tabela quebrou" (Aluno 1).

Em seguida, o professor-pesquisador perguntou a quem eles devem se dirigir para solicitar tais melhorias nos espaços públicos de lazer. "A secretaria de esportes primeiro, depois os vereadores" declarou o Aluno 15. Já a aluna 2 considerou que: "O melhor é ir direto no Prefeito".

Como se tratava de complementar as explicações iniciais, o professor fez uma aproximação desses últimos comentários com o tema de aula, que pretendeu conscientizá-los da importância de reivindicação de espaços públicos de lazer. Segundo Silva: "A escola deve propor uma formação que (...) não perca de vista o reconhecimento do lazer como um direito social e que deve ser alvo de políticas públicas e assim problematizado..." (p.13).

Como última tarefa, foi proposta a escrita de uma carta que os alunos produziriam sugerindo à prefeitura local melhorias e outros espaços públicos de lazer para as pessoas frequentarem no tempo disponível. A finalidade da escrita da carta era dar oportunidade aos discentes de refletirem acerca do papel de cidadão na cobrança de seus direitos sociais, que poderiam ser também em outras esferas, como educação, saúde, segurança pública etc. As reflexões levantadas foram baseadas em Tenório e Lopes da Silva[29]: "[...] que tipo de lazer é proporcionado à população que usufrui destes locais? É possível ampliar o número de espaços existente para tal finalidade? Como a Educação Física pode dar sua contribuição?" (p. 119). A mobilização das pessoas na busca por direitos junto aos órgãos e gestores públicos é de fundamental relevância para os avanços sociais e a manifestação por meio de documentos como carta, ofício, ou outro documento é um exemplo disso.

Ação pedagógica 5: "Aula vivencial da modalidade de futsal"

Número de alunos: 18 alunos
Objetivo: dar continuidade às ações da aula 3
A aula

A aula foi iniciada com o professor-pesquisador dando orientações prévias sobre a dinâmica e os objetivos de cada jogo que seria desenvolvido. Percebeu-se que os alunos estavam mais animados em relação à aula anterior, em função da aula ser realizada na quadra. Isso porque, conforme Betti: "A educação física também propicia aos alunos, como os outros componentes, um certo tipo de *conhecimento*. Mas não é um conhecimento que se possa incorporar dissociado de uma vivência concreta" (p. 19). Dessa maneira, os alunos, ao preferirem a aula na quadra, possivelmente valorizam essa diferença.

Em seguida, o professor-pesquisador dividiu as equipes em grupos de (6) seis participantes, propondo o jogo de rouba bandeira. Neste jogo, formam-se duas equipes, divididas por dois campos de tamanhos iguais. O objetivo do jogo é: a) invadir o campo adversário, capturar a bandeira (bola) sem ser tocado e retornar ao seu campo; b) defender sua bandeira (bola) contra a invasão da equipe adversária. Quem for pego deve ficar parado, até que alguém de sua equipe consiga tocá-lo, sem ser pego pelo adversário. Esta atividade associou-se ao ensino sistêmico dos JEC à medida que possibilitou a assimilação de princípios de ataque e defesa aos membros da equipe, necessitando do engajamento dos mesmos no desenvolvimento do jogo.

Notou-se que os alunos se preocuparam, primeiramente em atingir o objetivo sem traçar uma estratégia entre os companheiros da equipe. Os alunos teriam que "invadir" a área adversária sem serem tocados pelos jogadores adversários e, de posse de bola (bandeira), tentariam retornar ao seu campo, fazendo trocas de passes entre os companheiros no lado adversário, antes de cruzarem a linha do meio da

quadra. Segundo Garganta[3] o apelo à cooperação é um traço fundamental no ensino dos JEC, desenvolvendo nos praticantes o espírito de equipe e interesses coletivos em detrimento dos individuais.

Na sequência, foi proposto o jogo Porteira Central, que consiste em uma disputa entre duas equipes, parecido com o futsal e o handebol. No entanto, nesse jogo existe somente um único alvo (trave, baliza) localizado no centro do círculo central da quadra, podendo ser finalizada a jogada em ambos os lados, sendo, nesse caso, utilizados os pés. Há somente um goleiro, que tentará impedir o gol/ponto de ambas as equipes[xi].

Este jogo foi disputado entre duas equipes de 6 (seis) participantes, no espaço da quadra de futsal, com o objetivo de finalizar a jogada com um chute na bola ao alvo (baliza), ou seja, marcar um gol que fica no centro da quadra. Este jogo propõe ao aluno a solução do problema que se apresenta para atingir o objetivo, levando-os a desenvolver a inteligência e a cooperação entre os membros da equipe, propondo o espírito coletivo. Durante esse jogo, os alunos, *a priori*, se preocuparam com o entendimento da dinâmica da atividade, não focando no resultado da partida, pois as situações aleatórias, distintas de um jogo formal, constituíram desafios para os participantes. Diante de um erro, ao chutar a bola dentro da área, regra que não era permitida, a aluna 8 lamentou o gol anulado dizendo: "Ah! Agora que consegui fazer um gol" (risos). De acordo com Garganta[3]: "Os JDC são atividades ricas em situações imprevistas às quais o indivíduo que joga tem que responder" (p.12). Essa "novidade" que a educanda se deparou, se distingue de práticas repetitivas em que as respostas dos praticantes aos problemas são automáticas.

Após três equipes terem jogado e todos os alunos terem participado pelo menos em uma partida, foi interrompida a atividade. O professor anunciou que a próxima atividade se tratava do jogo formal de futsal e dois alunos falaram: "Oba, finalmente vamos jogar um pouco de futebolzinho" (Aluno 5); "Eba! Agora sim..." (Aluno 1). Esse tipo de manifestação indica que os alunos veem a Educação Física de certa forma, como uma aula prática relacionada aos interesses deles, no caso, jogar futsal. Em virtude do nosso país ter uma identificação com o futebol, as aulas de Educação Física têm forte influência desse esporte. "Por isso, é que a satisfação do aluno não pode se limitar apenas quando é dado a ele a oportunidade de fazer o que se quer, mas levá-lo ao encontro da satisfação em aprender" (p.178). No entanto, os alunos podem conhecer outras maneiras de jogar e atribuir novos significados às aulas. "Para que isso ocorra, é fundamental que o professor de educação física considere os alunos sujeitos do processo de ensino-aprendizagem (...) portanto, receptores e produtores de sentidos"[21](p.232).

O jogo formal de futsal foi disputado com regras básicas e cinco participantes em cada equipe, sendo que, primeiramente, cada jogador só poderia tocar uma vez na bola e o gol poderia ser feito de qualquer parte da quadra. Antes do início do jogo formal de futsal, foi frisada a necessidade do diálogo e da organização tática, dando alguns minutos para que os alunos se reunissem com seus companheiros.

A regra proposta de dar apenas um toque na bola durante esse jogo fez com que os alunos tivessem que responder mais rapidamente às situações diferentes do "jogo normal", demonstrando uma certa dificuldade inicial. Reverdito e Scaglia[4] consideram que as mudanças propostas no ambiente do jogo são fonte geradora que levam o praticante a buscar soluções frente às situações de caráter aleatórios e imprevisíveis. Quando os alunos assimilaram que o segundo toque seria uma infração, alguns protegiam a bola do adversário até que o companheiro se aproximasse e tocasse na bola, tendo que haver maior cooperação entre os membros da equipe. Tomando por base Garganta[3(p.17)]: "Desde os primeiros momentos

da aprendizagem, é conveniente que os praticantes vão assimilando um conjunto de princípios". Depois, foi sugerido que era permitido dar até dois toques na bola e o gol ser feito somente dentro da grande área.

Mesmo notando uma maior atenção dos alunos em relação à necessidade de deslocamento em comparação às aulas anteriores, o professor fez intervenções para que houvesse um melhor aproveitamento de todos em relação aos propósitos coletivos, interrompendo a partida ao sinal do apito e pedindo que os participantes ficassem parados, utilizando a estratégia do "*instant replay*" realizada na aula 3. Essa ferramenta é importante para demonstrar aos alunos os erros de posicionamento e também outras opções de jogada que poderiam ter sido feitas pela equipe. Ao utilizar o "*instant replay*" no jogo, o professor considerou, conforme Graça e Oliveira[24] que: "[...] as leituras mais difíceis de fazer no jogo são exatamente aquelas que envolvem a relação entre os jogadores sem bola" (p. 73). Esse tipo de informação visual visa à compreensão de situações que os jogadores participam direta ou indiretamente, auxiliando na aprendizagem tática do esporte em questão.

Na parte final da aula, ao perguntar aos participantes o que perceberam de comum a respeito das atividades vivenciadas na aula, os alunos sintetizaram algumas semelhanças nos jogos de rouba-bandeira, porteira central e do próprio jogo de futsal. O aluno 5 destacou: "Tivemos que defender e atacar quase igual nos três". "Como o senhor sempre fala, temos que conversar antes de começar o jogo e nos organizarmos, isso teve que ter nos três" disse a Aluna 12. Já o aluno 1 destacou: "E também a questão de ocupar os espaços vazios".

As opiniões acima colaboraram para uma avaliação das atividades planejadas para aquela aula, sendo o jogo, o núcleo facilitador do ensino da modalidade escolhida pelos alunos. Importa, no ensino sistêmico dos JEC, explorar o jogo durante todo o processo como um facilitador da aprendizagem[3].

Essa pergunta aos alunos, a respeito das semelhanças entre as atividades, pretendia levá-los a visualizarem as semelhanças entre as atividades da aula, para posteriormente relacioná-las com outras modalidades esportivas. A aula 5 foi uma oportunidade de: a) utilizar o "*instant replay*", como estratégia de aprendizagem para o ensino sistêmico e b) visualizar a maneira como os alunos agiam nas aulas.

Ação pedagógica 6: "Aula vivencial da modalidade de futsal"

Número de alunos: 18 alunos
Objetivo: a) atribuir aos alunos funções pertencentes a uma partida formal;
b) desenvolver regras de ação e princípios de gestão da modalidade conforme princípios dos JEC;
c) produzir um material ilustrativo da partida em forma de banner.

A aula

Os alunos foram reunidos no círculo central, para explicação sobre os objetivos da aula, sendo inicialmente realizado o jogo de pegador para que os alunos pudessem perceber a importância da marcação e deslocamento frente às ações do adversário. O professor-pesquisador escolheu aleatoriamente um dos participantes como o pegador, que teve a função de perseguir os outros jogadores. Quem fosse tocado passou a ser o pegador. Variações: a) o pegador estava sem bola e tentou pegar os demais; b) o pegador estava com a bola e tentou pegar os demais; c) dois pegadores sem bola tentaram recuperar a posse de bola. Assim que o pegador recuperasse a posse de bola deveria trocar de função com o que foi pego.

Foi observado nessa brincadeira que alguns participantes (alunos com idades entre 15 e 18 anos) tiveram à princípio uma atitude de recusa da atividade por representar uma brincadeira da época de criança,

que se confronta com a figura de um sujeito que busca se aproximar do comportamento de um adulto. Segundo Dayrell: "[...] o jovem é um 'vir a ser', tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente" (p.40). No entanto, essa maneira, de negar a priori, uma brincadeira da cultura infantil, se diluiu assim que a atividade se desenvolveu. Assim, compreende-se que seja importante oportunizar o acesso à jogos e brincadeiras para os alunos do Ensino Médio. Esses conteúdos são mais significativos para muitos educandos, conforme nos indica Caillois, ao considerar que o interesse no jogo reside na dúvida pelo resultado.

Na segunda atividade da aula, foi realizado o jogo dos quatro cantos. Essa atividade consistiu em: duas equipes dispostas pela quadra toda. A área dos escanteios foi demarcada com quatro semicírculos com cones. Neles ficaram dois alunos de cada equipe para receber a bola. Esses alunos deveriam permanecer nos "cantos". Dois alunos da equipe A ficam nos dois "cantos" no campo de ataque da sua equipe e, outros dois da equipe B, no campo de ataque da sua equipe. O objetivo de cada equipe nessa atividade foi fazer com que a bola chegasse a um dos companheiros localizados em um dos "cantos" de cada equipe, no espaço do adversário. O professor fez a mediação pedagógica na escolha das equipes, colocando os alunos mais habilidosos em equipes separadas, como uma maneira de garantir o equilíbrio na disputa, conforme Carlan, Kunz e Fensterseifer[20].

Na sequência, foram atribuídas aos alunos várias funções para o desenvolvimento de uma partida: jogadores, árbitro, técnico, cinegrafista, repórter, gandula e fotógrafo, promovendo um rodízio de funções para que eles desempenhassem responsabilidades que compõem uma partida formal. Como se tratava de assumir funções de agentes pertencentes à uma partida, Caillois[36] nos esclarece que a *"mimicry"* é uma categoria do jogo caracterizada pela imitação. Para Caillois[36] os jogos podem ser divididos em diferentes categorias:

- Agôn: jogos que se baseiam na disputa de uma única qualidade (rapidez, resistências, vigor, memória, habilidade);

- Alea: significa apenas que o vencedor foi quem apresentou maior sorte do que o vencido;

- Mimicry: são os jogos fictícios em que os jogadores adotam para si o papel de determinados personagens;

- Ilinx: se baseia na busca pela vertigem, buscando atingir uma espécie de transe e afastamento súbito da realidade.

Segundo Caillois[36]: "O jogo pode consistir, não na realização de uma atividade ou na assumpção de um destino, num lugar fictício, mas sobretudo na encarnação de um personagem ilusório e na adoção do respectivo comportamento" (p.39). Essa ação de assumir um personagem opera com a capacidade dos alunos em se adaptarem à uma nova tarefa que não se distancia do próprio jogo de futsal.

A última atividade da aula foi o jogo formal de futsal com regras básicas, sendo permitido ao participante somente se deslocar sem a bola, ou seja, o aluno deveria dominar a bola sem a necessidade de conduzi-la, ou então, tocá-la de primeira para os companheiros e a entrada no círculo central era considerada infração. Essas regras causaram uma emergência que os impedia de perceber com calma onde companheiros estavam para efetuar o passe. De acordo com Reverdito e Scaglia[4], as modificações provocadas em elementos constituintes de um sistema, no caso o jogo, poderão gerar uma desordem que, em função das novas emergências, o aluno buscará respostas que estabeleçam uma nova ordem. No entanto,

outras adaptações na regra podem ser utilizadas no processo de ensino dos JEC, de maneira distinta à utilizada, que possibilite maior posse de bola entre os companheiros da equipe.

Foi feita uma intervenção, enfatizando a necessidade da equipe: a) traçar estratégias de defesa e de ataque; b) a necessidade de ocupar os espaços vazios sem a posse da bola e c) importância de ser opção de passe aos companheiros. Foram formadas três equipes com cinco jogadores. Na medida em que duas equipes estavam jogando e uma outra equipe estava na "espera", os discentes assumiriam os papeis indicados anteriormente. É relevante que as regras de ação e princípios de gestão sejam pensadas por cada um antes do jogo, ou seja, pensar o jogo antes de disputá-lo. As regras de ação consistem na maneira como os jogadores apresentam disponibilidade de responder a situações apresentadas no decorrer do jogo, envolvendo conhecimento tático e tomada de decisões. Os princípios de gestão estão presentes nas modalidades coletivas e dividem-se em ataque e defesa. "[...] princípios de ataque são: conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe e da bola em direção ao alvo adversário e finalização da jogada, visando à obtenção de ponto. Os três princípios da defesa são: recuperação da bola, impedir o avanço da equipe contrária e da bola em direção ao próprio alvo e proteção do alvo visando impedir a finalização da equipe adversária"[6] (p.100).

Diante da experiência, os alunos deveriam produzir um "*banner*" em grupo (com fotos, informações da partida, placar, jogadores, trechos de entrevistas) para exposição até a data da última aula. Ao atribuir diferentes funções aos participantes, pretendia-se ampliar a visão prévia dos alunos acerca do esporte, de modo que pudessem transpor esse entendimento para os momentos de tempo disponível.

Como parte final da aula, o professor-pesquisador reuniu os alunos e pontuou que a finalidade das atividades desenvolvidas era levar os sujeitos a compreender a lógica da modalidade de futsal, ou seja, a) ocupação de espaços vazios sendo opção de passe para os colegas; b) marcação nos adversários; c) diálogo prévio à partida.

Ação Pedagógica 7: "Os aspectos socioculturais e midiáticos do esporte"

Número de alunos: 17 alunos
Objetivo**:** proporcionar uma visão crítica aos alunos em relação aos aspectos sociais e midiáticos do esporte presentes na contemporaneidade.

A aula

A aula 7: "Os aspectos socioculturais e midiáticos do esporte", teve como foco a abordagem de assuntos que auxiliassem a formação de espectadores que podem acessar informações da mídia com criticidade e autonomia. Conforme Lopes da Silva[21]: "O fato é que o esporte é notícia e, ao ser tratado pela mídia, o destaque é dado ao modelo de alto rendimento; raramente temos oportunidade de ler matérias esportivas que tratam de times e jogadores amadores" (p.225).

Inicialmente, o professor destacou a relação do esporte com a sociedade, buscando associá-lo a temas como trabalho, desigualdade social, corrupção, violência e política. Trouxe exemplos de esportes associados a classes sociais, tais como tênis, golfe, automobilismo, hipismo, atletismo e futebol, utilizando um *slide*. O esporte se insere no âmbito do lazer pertencendo ao grupo dos conteúdos físicoesportivos do lazer. Para Marcellino[19]: "A relação que se estabelece entre lazer e sociedade é dialética, ou seja, a mesma sociedade que o gerou, e exerce influências sobre seu desenvolvimento, também pode ser por ele

questionada na vivência de seus valores" (p.15). Nesse sentido, sendo o esporte, uma das expressões do lazer, foi considerado em estreita relação com a sociedade.

Após essa explicação, foi perguntado aos alunos: "O que mais chama a atenção naquilo que você assiste, lê ou escuta sobre o esporte?". A aluna 12 considerou que: "A competitividade. Os altos salários, os absurdos para correr atrás de uma bola". "A abertura da *Champions*. Aquela música", disse a aluna 10, ao se referir a Liga dos Campeões, competição europeia que reúne os maiores e mais ricos clubes de futebol do mundo.

Essa pergunta teve o intuito de apreender o entendimento que os educandos possuíam acerca da linguagem esportiva propagada pela mídia. As falas dos alunos contribuíram para reforçar a ideia de que o esporte de rendimento ou esporte espetáculo fornece códigos, rituais e símbolos repletos de significados e sentidos. Esses significados atribuídos ao esporte relacionam-se às imagens e informações difundidas que as pessoas têm acesso por meio da mídia, fragmentando questões importantes como a realidade dos baixos salários da maioria dos jogadores de futebol, conforme indicado por Daolio [13], além de outros problemas, como por exemplo, o desemprego. Segundo a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no ano de 2016, cerca de 80% dos jogadores de futebol ganham até um salário mínimo, enquanto pouco mais de 2% recebem quantias de 12 (doze) salários mínimos mensais. Esses dados revelam que poucos jogadores conseguem obter êxito em suas carreiras, com a obtenção de altos salários. Mesmo assim, inúmeros jovens ficam vislumbrados com a possibilidade de tornarem-se ricos e famosos num intervalo curto de tempo. Para Souza e Lopes da Silva: "Em busca de ascensão social, são incontáveis os indivíduos que se inserem no universo do futebol" (p.59). Ao considerar que o futebol é o esporte onde muitos clubes obtêm grandes receitas financeiras, fica nítido que outros esportes menos conhecidos apresentem inúmeras dificuldades para seu desenvolvimento.

Na sequência, foi assistido o vídeo: "Jogadores enfrentam dificuldades por um sonho". O vídeo trata-se de um documentário que compõe uma série de reportagens, transmitidas no "Jornal da Globo" sobre a série D do Campeonato Brasileiro e retratou a realidade da grande maioria dos jogadores de futebol do Brasil, composta por obstáculos, baixos salários, saudades da família, futuro incerto, clubes com estrutura precária, moradias sem conforto etc. De acordo com Betti: "Na verdade, existe uma distância entre a prática "real" do esporte e o que vemos na TV. (...) Isso leva, em geral, à fragmentação e à descontextualização do fenômeno esportivo" (p.218).

Após assistirem o vídeo, o professor solicitou aos discentes que expressassem seus entendimentos a respeito da reportagem, que tensionou com os discursos predominantes da mídia. Um dos alunos considerou que: "O que me chamou a atenção foi a desigualdade que há entre o futebol que é exibido normalmente (futebol de alto nível) e o futebol que fica excluído (série D)"(Aluno 11).

Tal documentário foi um recurso de aula que pôde ser utilizado como contraponto às próprias redes de comunicação de massa que se baseiam no modelo de esporte idealizado, mas que não retratam frequentemente em suas programações, a realidade predominante. O vídeo foi uma oportunidade de discussão dos significados atribuídos ao esporte, possibilitando o "confronto" entre o senso comum e o conhecimento sistematizado, gerando condições para a produção de outras representações a respeito do conteúdo ensinado, pois o sonho de muitos meninos em se tornarem jogador de futebol, caso dos alunos 1, 5 e 13, pode ser parte de uma visão romantizada do esporte de alto nível, que transmite a ideia de fama,

dinheiro e sucesso. O vídeo ilustrava as dificuldades enfrentadas pela maioria dos jogadores de futebol do Brasil, composta por baixos salários, saudades da família, futuro incerto, clubes com estrutura precária, alojamentos sem conforto etc.

Como parte final da aula, o professor-pesquisador utilizou uma figura que ilustrava como as mídias tem um papel fundamental na divulgação de modalidades esportivas e de atletas, tornando-os famosos ou desconhecidos para o grande público. A formação do ídolo esportivo se vincula à frequência que o mesmo aparece nos meios de informação. De acordo com Dumazedier[17]: "O "*show business*" do esporte promove socialmente alguns poucos atletas, contribuindo para a popularização do ídolo esportivo" (p.122). Essa propagação de atletas e de alguns esportes podemter implicações inclusive na adoção de práticas corporais pelos sujeitos que conhecem um número restrito de práticas esportivas.

Como considerações finais, destacou-se a finalidade da aula que consistiu em proporcionar uma visão mais crítica aos alunos em relação à televisão e a *internet*, colaborando para que os educandos pudessem "desconstruir" alguns conceitos prévios acerca do esporte, além da oportunidade de formação de espectadores em interface com uma educação para o lazer.

Ação pedagógica 8: "Finalização das ações pedagógicas"

Número de alunos: 18 alunos
Objetivo: a) Retomar resumidamente os pontos das aulas realizadas;
b) Aplicar o questionário B.

A aula

Foi feita inicialmente uma revisão dos pontos trabalhados nas ações pedagógicas anteriores. Em seguida, foi destacado que os jogos explorados durante as aulas, se associam à dinâmica das modalidades esportivas coletivas (necessidade de entendimento de que eles se comuniquem, pensem estratégias para a finalização, o impedimento da progressão do adversário e se desmarcar sem a posse de bola ocupando espaços vazios). Um quadro comparativo de modalidades esportivas que trazia informações sobre o número de jogadores, o objetivo e a lógica do jogo, além do tipo de alvo e finalidade foi apresentado, pretendendo auxiliar os alunos no entendimento de características comuns dos JEC.

Na sequência, foi apresentado um *slide* em *data show* que ilustrava a relação entre os esportes, adaptado de Rocha e Cordovil[xii] como forma de reforçar aos alunos as semelhanças e ligações entre o futsal, o futebol, o handebol, o basquete e o voleibol. Nesse sentido, Garganta[3] considera que: "[...] não obstante a especificidade de cada um dos JDC, existem modalidades entre as quais é possível reconhecer semelhanças e, à partir daí, construir situações que permitam a assimilação de princípios comuns, recorrendo a meios e até a algumas técnicas comuns" (p.15).

Posteriormente, foi proposto que os alunos opinassem a respeito das atividades desenvolvidas ao longo das aulas, buscando ouvir os alunos com relação a situações que eles vivenciaram ao longo das aulas anteriores. O professor-pesquisador fez a seguinte pergunta aos alunos: "O que vocês gostariam de falar sobre as aulas que tiveram? O que vocês perceberam?".

As declarações abaixo sintetizam o que as aulas representaram para alguns deles, demonstrando que os jogos explorados, puderam considerar alguns pressupostos do referencial cultural[13] e da educação para o lazer[14], tais como: contemplar a diversidade de alunos que compõe o universo das aulas; oportunizar experiências variadas na esfera da cultura corporal de movimento; incorporar o elemento lúdico no processo

educacional etc. O aluno 15 considerou que: "Nessas aulas tinham brincadeiras legais e diferentes que ninguém sabia brincar. Então todos eram iguais e ninguém era melhor que ninguém". "Teve variedade de jogos. A sala interagiu", comentou o Aluno 7. Esses comentários indicavam um reconhecimento da aprendizagem dessa modalidade que atendeu às expectativas de todos os alunos, vinculando a importância de aulas lúdicas e diversificadas.

A abordagem sistêmica dos JEC visa a vivência das atividades que promovam a participação de um maior número de alunos, por meio de um ambiente lúdico, proporcionado pelo jogo, contribuindo na construção de novos significados atribuídos ao esporte pelos sujeitos envolvidos.

Quando o professor indagou-os se preferiam as aulas tradicionais ou as aulas com jogos e brincadeiras, somente dois alunos não se manifestaram. A maioria mostrou-se favorável às aulas que tiveram. Santos *et al.*[xiii] aponta que, os alunos vislumbram uma Educação Física com experiências e conteúdos lúdicos e prazerosos. A análise de como os alunos compreendem a Educação Física nos auxilia a conhecer quais aprendizados e experiências são vistas como mais significativas para serem ensinados.

Como maneira de coletar informações dos participantes relacionados à experiência pedagógica tendo como foco o ensino dos JEC, o professor pediu que falassem o que notaram de relevante nas aulas, que teve como foco da pesquisa, o ensino do futsal. Os alunos 2, 12, 18 e 5 deram destaque a elementos importantes planejados anteriormente, tais como: "bolar um plano antes", "aprender rápido", "jogo é basicamente toque de bola". Assim, estabelecemos uma fundamentação em Garganta[3] que considera como finalidade do ensino dos JEC em uma abordagem sistêmica, desenvolver nos praticantes a assimilação de princípios de gestão de espaço de jogo, bem como formas de persuadir o adversário ao erro, além de estabelecer comunicação com os companheiros.

Na sequência, foi feita a entrega do questionário B, com 6 (seis) questões abertas relacionadas à Educação Física e ao lazer. Após 15 minutos, foi feito o recolhimento do questionário B, além do recebimento dos trabalhos individuais e coletivos (*banner* e carta) que os alunos precisariam entregar no último encontro. Esses trabalhos foram uma maneira de envolvê-los em atividades que representassem que a Educação Física é passível de aprendizagem dos alunos, para além do espaço da quadra. Conforme nos esclarece Libâneo[25], a exposição da matéria precisa ser combinada com outros procedimentos, como trabalho independente, diálogos e trabalho em grupo. Além disso, para Betti[31]: "Essa ação pedagógica a que se propõe a educação física será sempre uma vivência impregnada de *corporeidade* do *sentir* e do *relacionar-se*" (p.19). Ou seja, a aprendizagem nas aulas de Educação Física pode ocorrer, independente do local onde ocorra.

Ao final dessa aula, iniciamos nossas reflexões em busca de uma relação com os objetivos considerados na fase inicial da pesquisa e na sequência, apresentamos uma análise das ações pedagógicas. A partir do material até então produzido, por meio das opiniões e impressões dos participantes, iremos confrontar com a produção acadêmica existente, buscando acrescentar novos dados e reflexões.

Análise da experiência pedagógica

A turma escolhida, longe de ser um espelho a ser copiado, se compõe de sujeitos dotados de singularidades, que se distinguem de qualquer outro grupo do Ensino Médio, pelos seus comportamentos, atitudes e reações. Ao observar os modos de ser e estar dos participantes da pesquisa, em função de seus

comportamentos e, consequente, aprendizagens na experiência pedagógica, foi possível denominar três grupos de alunos e destacá-los da seguinte maneira: *Influentes, Indiferentes e Resistentes.*

Os *influentes* (Alunos [as] 1, 2, 5, 10, 12, 13 e 18), eram os alunos que interagiam nas aulas, independente do local (sala ou na quadra) e do conteúdo desenvolvido, além de ocuparem um lugar de destaque frente aos demais, em função de sua liderança e/ou habilidade técnica.

Os *indiferentes* (Alunos [as] 4, 7, 8, 11, 14, 15, 16 e 17), muitas vezes apresentavam pouca iniciativa no desenvolvimento das aulas e eram influenciados por alunos que exerciam liderança nas ações coletivas.

Os alunos *resistentes* (Alunas 3, 6 e 9), tinham extrema dificuldade de interagir com os demais, tanto em quadra, quanto em sala e tinham que ser incentivados a todo momento pelo professor-pesquisador a participar das atividades. Além disso, apresentavam mínima habilidade técnica durante o jogo, e demonstravam desânimo após algum erro durante o jogo. Embora os alunos *resistentes* e *indiferentes* apresentassem habilidades técnicas parecidas, o que os diferenciava era a maneira como eles se relacionavam com os demais colegas da turma. Os alunos *indiferentes* oscilavam no modo como se apropriavam da aula, ou seja, às vezes, era necessário incentivá-los a participar da atividade, outras, eles mesmos tinham a iniciativa de participar. Já os *resistentes* precisavam ser incentivados a integrar o grupo de alunos em todas as atividades, além de apresentarem mecanismos de fuga e distanciamento mais frequentes que os demais.

A maneira como se estabeleciam as relações entre os alunos ficava evidente algumas disputas, tensões, conflitos e interesses que traduziam a organização do grupo, bem como os territórios ocupados pelos sujeitos dentro da sala de aula, que se estendiam até a "sala da quadra". Para Souza[xiv], a relação que os alunos estabelecem entre eles têm implicações nas aulas de Educação Física, no pátio, na sala e rompem as fronteiras da quadra, ultrapassando os muros escolares.

De certa maneira, poderíamos compreender ali uma estrutura hierárquica operada em torno dos mais *influentes* e habilidosos que colaboravam na construção de um enredo, repleto de significados. Ao observar algumas rotinas, rituais e elementos culturais, nesse grupo específico, tomamos por base Geertz[12(p.20-21)], que compreende como finalidade de uma descrição minunciosa: "[...] tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados".

As aulas planejadas, tendo como referência o ensino sistêmico dos JEC em interface com os princípios do referencial cultural e da educação para o lazer, pode nos auxiliar a superar esses "distanciamentos" entre os participantes da pesquisa. Isso porque, a referida experiência, ao utilizar o jogo como elemento central, dialoga com uma proposta cultural, assumindo um sentido mais amplo de aprendizagem de modalidades esportivas, conduzindo a experiências lúdicas. Além disso, as aulas "teóricas" tinham como propósito viabilizar aos alunos o acesso a conhecimentos sobre os JEC para que sejam não só praticantes, mas espectadores críticos diante das informações recebidas pela mídia.

A seguir, buscamos ilustrar nas figuras abaixo, a organização social da turma, constatada na primeira ação pedagógica (Figura 2) e como o ensino dos JEC em uma perspectiva sistêmica pode ter contribuído para uma possível modificação nas relações entre os educandos (Figura 3). Ou seja, os *"influentes"*, os *"indiferentes"* e os *"resistentes"* poderiam ser vistos a partir de espaços (de)limitados no início da experiência pedagógica. Ao longo das aulas, as atividades oportunizaram a desconstrução de

relações hierárquicas dos mais *"influentes",* sugerindo um espaço mais acolhedor aos *"indiferentes"* e *"resistentes"* (Figura 3).

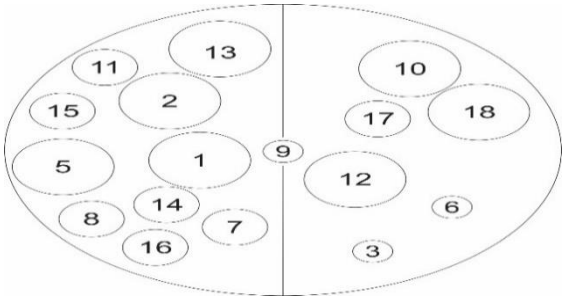

Figura 2 - Estrutura social no início da pesquisa

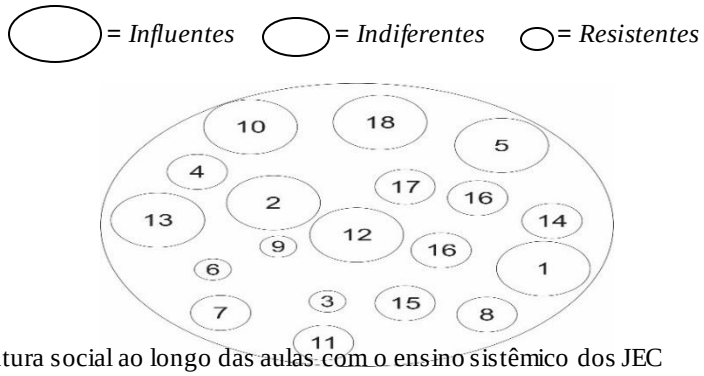

Figura 3 - Estrutura social ao longo das aulas com o ensino sistêmico dos JEC

Um "olhar" antropológico das Ciências Humanas e Sociais pode nos auxiliar nas aulas de Educação Física a captar fatos até então desconsiderados no cotidiano dessa disciplina. Para Geertz[12(p.18)]: "No estudo da cultura, os significantes não são sintomas ou conjuntos de sintomas, mas atos simbólicos ou conjuntos de atos simbólicos e o objetivo não é a terapia, mas a análise do discurso social". Esse conhecimento torna-se fundamental para as aulas de Educação Física e pode contribuir para que outros "olhares" sejam realizados no campo escolar.

As observações feitas ao longo das aulas evidenciam que os sujeitos constroem suas relações com a Educação Física e o lazer de maneira heterogênea, podendo ser tranquila ou conflituosa, de acordo com o conteúdo explorado.

A pesquisa indica que os alunos ao terem contato com aulas baseadas na abordagem sistêmica, mostram-se mais receptivos à conteúdos diversificados. "O que iremos fazer hoje professor?", contrasta com a pergunta: "Professor, vamos jogar um futebol?", notada nos primeiros encontros com os alunos. Nesse sentido, Marcellino[14] considera uma das finalidades da educação para o lazer: "Partindo do 'nível' em que o aluno se encontra, respeitando sua cultura local, procurando promover esse 'nível' de conformista para crítico e criativo" (p.9).

Os alunos 1, 2, 5 e 12, ao comentarem o que perceberam de comum entre as atividades da aula 5 explicitaram a necessidade de que uma melhor percepção "tática" era fundamental para o jogo de futsal, como destacado abaixo pela aluna 12: "Como o senhor sempre fala, temos que conversar antes de começar o jogo e nos organizarmos [...]".

As declarações dos alunos 2, 12, 18 e 5 em relação à aprendizagem da modalidade sistêmica do futsal, mencionadas na aula 8 (oito), deram destaque a elementos importantes planejados anteriormente, tais como: "bolar um plano antes", "aprender rápido", "jogo é basicamente toque de bola", "porque soubemos marcar, ocupar lugar vazio e bolar um plano antes do jogo".

Percebeu-se que os alunos compreenderam que o deslocamento e a troca de passes durante o jogo são fundamentais, sendo fatores importantes que foram salientados durante a aprendizagem da modalidade de futsal, buscando desenvolver um jogo de nível bom, diferente de comportamentos observados na aula 2. Garganta[3] define como "regras de ação", a troca de passes, colocação em espaços vazios, atenção ao deslocamento do adversário, dentre outras.

Não poderíamos deixar de sublinhar também que essa experiência pedagógica, ao ter como foco o ensino e aprendizagem do futsal, buscou superar as "lacunas" na aprendizagem dos alunos, assim como gerar *"ânimo"* nos mesmos diante dos conteúdos repetitivos no Ensino Médio vivenciados ao longo da experiência escolar. Sendo assim, essa pesquisa pode indicar possibilidades educativas para as aulas do Ensino Básico, de forma mais específica no Ensino Médio, fase escolar que fica evidente alguns problemas no processo ensino-aprendizagem.

Considerações finais

Ao se inserir em um ambiente como professor-pesquisador, notamos que certas situações frequentes possuem um sentido similar a uma teia complexa de significados, marcada por tensões, motivos e expectativas dos sujeitos envolvidos. Por meio da experiência pedagógica, compreendemos que o esporte nem sempre é o conteúdo preferido dos alunos. O que existe é um apelo social pelo esporte que têm ressonância em toda a sociedade e acaba adentrando na escola como conteúdo naturalizado, como "cópia" do esporte federado. Assim, muitas vezes, as aulas podem ser consideradas sem importância, quando os educandos ficam "acostumados" com conteúdos similares ou repetitivos durante as aulas.

O esporte não precisa ser negado no ambiente da aula, no entanto, é necessário ressignificá-lo com princípios baseados na 'não repetição', na 'ludicidade' e na 'aprendizagem' de todos os sujeitos envolvidos, além de contribuir para a formação de praticantes e espectadores, partindo do nível conformista para o crítico e criativo. Dessa maneira, a ressignificação do esporte a partir das aulas de Educação Física pode contribuir para a revisão de valores, de condutas e de conhecimentos acerca da cultura corporal de movimento e do lazer, gerando nos alunos hábitos e ideias positivas com relação ao esporte que podem ser transpostas para o seu cotidiano, no conjunto das atividades vivenciadas no tempo disponível. Ao tecer um diálogo entre abordagem sistêmica dos JEC, a cultura e o esporte como conteúdo físicoesportivo do lazer, os princípios e características de ambos, salientam uma ligação de proximidade.

Considerar essas características presentes na abordagem sistêmica dos JEC pode superar os problemas relacionados à falta de ânimo dos alunos nas aulas de Educação Física, promovendo um ensino-aprendizagem que tensione os modelos dominantes.

Ao longo das aulas destacamos que os interesses dos educandos podem implicar nos modos de comportamentos "*influentes*", "*indiferentes*" e "*resistentes*" às aulas, variando conforme os conteúdos da cultura corporal de movimento que são explorados ao longo da escolaridade. Essas denominações caracterizam o modo que os alunos agiram e interagiam durante as aulas realizadas na pesquisa.

Encontramos inicialmente uma turma representada por uma organização social velada, que adentrava a "sala da quadra", se fortalecendo nas atividades e conteúdos desenvolvidos, com a utilização do esporte tradicional. Para tanto, a mediação pedagógica buscou descontruir a estrutura hierárquica existente, oportunizando um ambiente de aprendizagem do futsal em interface com a educação para o lazer.

É possível indicar que a educação para o lazer é uma educação do "agora" e não do "futuro", que propõe aos sujeitos, assim como o jogo, uma vivência de valores e de atividades com o intuito de ampliar e gerar nos sujeitos uma atitude crítica e criativa diante de suas opções referentes ao contexto do lazer.

Ao final dessa experiência, esperamos poder ter contribuído para uma produção acadêmica nova, que pudesse ser aplicada no "chão da quadra", assim como gostaríamos que fossem as aulas de Educação Física para os alunos. Outros tipos de experiências pedagógicas baseadas no referencial cultural e do lazer são bem-vindas, de modo que possam retratar e compartilhar experiências de outros alunos e professores do Brasil acerca da Educação Física escolar.

Agradecimentos

Os autores agradecem à CAPES, à Seduc-MT e à Prefeitura da cidade de Cláudia-MT, pelo auxílio financeiro destinado a pesquisa.

Referências bibliográficas

1 Bracht V. Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Editora Unijuí; 1999.

2 Ilha FR da S, Hypolito ÁM. Esportivização da Educação Física escolar: um dispositivo e seus regimes de enunciação. Movimento. 2016; 22 (1):173-186.

3 Garganta J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: Graça A, Oliveira J, organizadores. O Ensino dos Jogos Desportivos. 3. ed. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos; 1998. p.11-25.

4 Reverdito R, Scaglia AJ. Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte; 2009.

5 Bracht V. Educação Física e Aprendizagem social. Porto Alegre: Magister; 1992.

6 Daolio J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos -modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. Rev Bras Ciên e Mov. 2002; 10 (4): 99-104.

7 Garganta J. O ensino dos jogos desportivos colectivos. Perspectivas e tendências. Movimento. 1998; 4(8): 19-27.

8 Demo P. Metodologia Científica em Ciências Sociais. 3. ed. São Paulo: Atlas; 1995.

9 Galindo VA. Lazer e cultura: construção de brinquedos nas aulas de Educação Física. [Dissertação de Mestrado]. Piracicaba: Faculdade de Ciências da Saúde da UNIMEP; 2016.

10 Silva MA da. Uma abordagem crítica do conteúdo esporte nas aulas de Educação Física no Ensino Médio integrado. [Dissertação de Mestrado]. Natal: UFRN; 2014.

11 Lima I. Educação Física na Escola Pública: explorando uma prática pedagógica dialogada. [Dissertação de mestrado]. Piracicaba: UNIMEP; 2009.

12 Geertz C. A interpretação das culturas. 13. ed. Rio de Janeiro: LTC; 1989.

13 Daolio J. Cultura: educação física e futebol. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp; 2006.

14 Marcellino NC. O conceito de lazer nas concepções da educação física escolar: o dito e o não dito. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. [Anais]. 2001. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/dcefs/Prof. Adalberto Santos2/13-o conceito de lazer nas concepcoes da ef escolar-o dito e o nao dito10.pdf. [2017 11 18].

15 Santos RF dos. Esporte, lazer e cultura: os significados dos projetos de esporte e lazer do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – Campus Januária para alunos participantes e não participantes. [Dissertação de Mestrado]. Piracicaba: UNIMEP; 2016.

16 Marcellino NC. Lazer e Educação. 10. ed. Campinas: Papirus; 2010.

17 Dumazedier J. Valores e conteúdos culturais do lazer. São Paulo: SESC; 1980.

18 Camargo L. O que é lazer. São Paulo: Brasiliense; 1986.

19 Marcellino NC. Lúdico, educação e educação física. 4. ed. Ijuí: Ed. Unijuí; 2013. Lúdico e Lazer; p. 13-30.

20 Carlan P, Kunz E, Fensterseifer PE. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica "inovadora". Movimento. 2012; 18(4):55-75.

21 Lopes da Silva C. Legados de megaeventos esportivos: perdas e ganhos para a Educação Física escolar. In: Marcellino NC, organizador. Legados de Megaeventos esportivos. Campinas: Papirus; 2013. p. 221-240.

22 Confederação Brasileira de Futsal. O esporte da bola pesada que virou uma paixão. [artigo]. Disponível em: http://www.cbfs.com.br/2015/futsal/origem/index.html. [2017 02 27].

23 Federação Mineira de Futsal. História do Futsal. [artigo] Disponível em: http://www.fmfutsal.org.br/futsal/historia-do-futsal/. [2017 02 27].

24 Graça A, Oliveira J. O Ensino dos Jogos Desportivos. 3. ed. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos; 1998. O ensino do Basquetebol; p. 61-94.

25 Marcellino NC. Legados de Megaeventos esportivos. Campinas: Papirus; 2013. Megaeventos: Perspectivas para o lazer; p. 123-138.

26 Libâneo JC. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez; 1994.

27 Bonafé G. O que são políticas públicas?. [Produção]. 2016; (2.12 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ehLZKqU1QQw. [2017 02 03].

28Jornal Futura. Hábitos culturais dependem da oferta de espaços de lazer. [Reportagem veiculada no Canal Futura]. 2017; (6. 24 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3u6z7Mc3pEE. [2017 02 02].

29 Tenório JG, Lopes da Silva C. Espaços públicos de lazer: experiência pedagógica em Educação Física em uma Escola Estadual de Mato Grosso. Revista Sodebras. 2017; 12(137):118-123.

30 Gonzáles FJ, Fraga AB. Afazeres da Educação Física na Escola: planejar, ensinar, partilhar. Erechim: Edelbra; 2012.

31 Silva TF da. Lazer, escola e educação física escolar: encontros e desencontros. Licere. 2011; 14(1): 1-17.

32 Betti M. A janela de vidro: Esporte, televisão e educação física. 2. ed. Campinas, SP: Papirus; 2003.

33 Masuet XF. Juegos de iniciación a los deportes colectivos. Barcelona: Editorial PaidoTribo; 2004.

34 Cruz de Oliveira R. Na "periferia" da quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola. [Tese de Doutorado]. Campinas: UNICAMP; 2010.

35 Dayrell J. O Jovem como sujeito social. Rev. Bras. Educ. 2003; s/v (24): 40-52.

36 Caillois R. Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem. Lisboa: Cotovia; 1990.
37 Confederação Brasileira de Futebol. Raio-X do futebol: salário dos jogadores. [Artigo]. 2016; Disponível em: https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.WlpLTzdG3VI. [2017 10 17].

38 Souza ÍMM de, Lopes da Silva C. O futebol no contexto cultural brasileiro. Piracicaba: Editora Unimep; 2016.

39 Jornal da Globo. Jogadores enfrentam dificuldades por um sonho. [Documentário: "4ª divisão – O lado D do futebol"]. 2009; (7.12 min.) Disponível em: globoplay.globo.com/v/1085260/. [2017 01 25].

40 Betti M. Entre Assistir e Praticar: Educação Física, Esporte, Televisão e Lazer. In: Marcellino NC, organizador. Lúdico, educação e educação física. Ijuí: Ed. Unijuí; 2013. p. 217-232.

41 Rocha H, Cordovil J. O ensino do Rugby. In: Graça A, Oliveira J, organizadores. O Ensino dos Jogos Desportivos. 3. ed. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos; 1998. p. 219-244.

42 Santos W dos, Paula SC de, Matos JMC, Frossard ML, Schneider O, Ferreira Neto A. A relação dos alunos com os saberes nas aulas de Educação Física. J. Phys. Educ. 2016; 27 (1):1-17.

43 Souza A dos S. Educação física no ensino médio: representações dos alunos. [Tese de Doutorado]. Campinas: UNICAMP; 2008.